

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à visita às instalações do Campus Educacional do Colégio Pedro II

Rio de Janeiro-RJ, 16 de agosto de 2007

Eu estou colocando os óculos para vocês pensarem que eu virei intelectual agora, para ficar mais chique.

Eu quero começar cumprimentando o nosso querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e dizer ao povo do Rio de Janeiro uma coisa muito séria: nós poderíamos ter feito pelo Rio de Janeiro, no primeiro mandato o mesmo que estamos fazendo agora. Agora, fazer política, fazer parceria com o governo do estado é como casamento: só há casamento se os dois quiserem. Se um só quiser, não vai ter casamento. E aqui era difícil, Sérgio, o governo federal entrar porque, me parece, que as pessoas que governavam não queriam que nós ajudássemos. Na medida em que a gente encontra um governador que é parceiro, que é companheiro e que não tem medido esforços para construir parcerias, pode ficar tranquilo, Sérgio, que o Rio de Janeiro será sempre tratado com a grandeza que o Rio de Janeiro representa para 190 milhões de brasileiros e com a grandeza que o Rio de Janeiro representa para o mundo.

Quero cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Quero cumprimentar o meu companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República e também professor da rede pública brasileira, antes de virar do governo,

Quero cumprimentar o nosso parceiro, senador Francisco Dornelles,

Quero cumprimentar o professor Wilson Choeri, diretor-geral do Colégio Pedro II,

Quero cumprimentar os deputados federais Carlos Santana, Chico D'Angelo, Edson Santos, Jorge Bittar, Luiz Sérgio, Miro Teixeira, Simão Sessim,

Quero cumprimentar as senhoras secretárias e os senhores secretários

estaduais que estão aqui,

Quero cumprimentar os prefeitos Carlos Pereira, de Tanguá; Godofredo Pinto, de Niterói; Lindberg Farias, de Nova Iguaçu; e Washington Reis, de Duque de Caxias,

Quero cumprimentar o diretor do Campus Educacional do Colégio Pedro II, unidade de Realengo,

Quero cumprimentar minhas queridas e meus queridos alunos do Colégio Pedro II da unidade Realengo,

Meus amigos jornalistas,

E, também, me desculpem, eu ia deixando de cumprimentar uma figura simbólica, aqui, o nosso querido padre João,

Quero, obviamente, cumprimentar os secretários municipais, os vereadores,

Quero cumprimentar o movimento social, aqui representado,

Quero cumprimentar os companheiros mata-mosquitos, que estão aqui. Eu nem coloco repelente, que é para eles encostarem perto de mim,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu vou ler umas coisinhas aqui e depois eu vou falar umas coisinhas sem ler, que fica melhor para mim e, certamente, eu acho, para vocês.

É com imenso orgulho de brasileiro e presidente da República que participo da inauguração da nova unidade do Colégio Pedro II, aqui em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde vivem mais de 1 milhão de habitantes. Onde existia uma fábrica de munição agora se ergue uma escola pública de excelência, democratizando aos mais pobres o ensino de qualidade, integrado à educação profissional dos nossos jovens. A educação que gera oportunidades é a resposta democrática contra a violência, o desalento e a exclusão.

O Pedro II é uma referência dessa escola pública que temos o desafio e a obrigação de oferecer à infância e à juventude brasileira. Falo de uma educação que contribua para superar as desigualdades, que se abra às novas gerações como uma base sólida na qual todos passam adquirir conhecimento e valores compartilhados. O Colégio Pedro II nasceu no século XIX como uma instituição de elite do Brasil imperial, mas soube se adequar à história e às

demandas do nosso tempo, democratizando suas estruturas, sem renunciar à sua qualidade.

É justamente esse o grande desafio brasileiro do século XXI. Trata-se de somar energias democráticas para construir uma educação digna de ser chamada “uma educação de todos”, porque é republicana, competente e geradora de oportunidades. O Pedro II figura nas listas do Enem como um dos melhores colégios públicos do País. Honra, assim, à missão mais importante da escola, num ambiente de profundas desigualdades sociais como o nosso. Ao lado do desenvolvimento, a escola é o caminho decisivo para recompor o que a injustiça dividiu e a indiferença secular deixou aprofundar.

No Pedro II estudaram presidentes da República, como Washington Luís, estudaram intelectuais, como Euclides da Cunha, estudaram poetas, como Manuel Bandeira. Possivelmente, hoje figure entre vocês, meus queridos jovens e crianças desta Zona Oeste do Rio de Janeiro, quem sabe entre vocês esteja um futuro chefe de Estado, um grande escritor e um inspirado poeta da alma brasileira.

Porém, o mais importante é que estarão todos freqüentando a mesma sala de aula, aprendendo a falar a mesma língua, a olhar o mesmo horizonte dos desafios nacionais e a enxergar no País não uma terra devoluta, de irmãos apartados pela injustiça e cegos pela indiferença, mas um espaço comum de construção do bem-estar coletivo.

A convivência republicana proporcionada pela escola pública interessa a todos os brasileiros, porque não privilegia ninguém. E porque não semeia o privilégio, beneficia tanto o filho do trabalhador quanto o jovem da classe média e a criança nascida em berço generoso. Não podemos atribuir à escola pública a missão solitária de corrigir o déficit de solidariedade de um povo, mas tampouco podemos aceitar, como se fez no passado, que ela se transforme num espaço de reprodução dos nossos desequilíbrios sociais.

Essa convicção orienta nosso compromisso de retomar o projeto de construção da escola pública brasileira no século XXI. Para isso, o orçamento do MEC, este ano, é o maior da nossa história. O Fundeb, o ProUni e o Programa de Desenvolvimento da Educação, o PDE, são a nossa resposta a quem pensa que a qualidade é incompatível com a democratização das oportunidades. A preocupação de elevar a qualidade da escola pública

brasileira faz do PDE o mais abrangente plano já concebido para o ensino público deste País. Todos os níveis de escolaridade estão contemplados, desde a alfabetização à pós-graduação, passando pela educação infantil, o ensino fundamental, o médio, a escola técnica e a educação superior. Trabalhamos, governo e sociedade, pela melhor qualidade da escola pública em nossa terra, fazendo com que venha a ser, cada vez mais, a exemplo do Colégio Pedro II, um caminho de formação e justiça para a infância e a juventude deste nosso querido País.

Meus amigos e minhas amigas, professores, funcionários e estudantes,

O que nós estamos fazendo aqui é provando que este País pode fazer muito mais pelo seu povo do que já fez. A primeira mudança que nós fizemos, quando entramos no governo, foi parar de discutir, na reunião ministerial, que cada centavo que o ministro pedia para a educação fosse contabilizado pelo ministro da Fazenda como gasto. E era uma situação muito engraçada, porque chegava um empresário e pedia 1 bilhão emprestado, era investimento; tinha uma crise na agricultura, a gente emprestava dinheiro, era investimento; e quando se tratava de educação colocava-se como gasto.

Eu quero dizer para vocês que hoje o que predomina no governo é a tese de que não existe nenhum investimento mais sagrado do que o investimento na educação, na formação das nossas crianças, na formação do nosso povo. Porque não existe patrimônio maior que um governante ou o Estado possa oferecer ao seu povo do que a qualidade do seu aprendizado, da sua formação e do seu conhecimento.

Lamentavelmente – e não gostaria de estar dizendo isso agora, mas vou dizer –, um grupo muito pequeno de uma elite conservadora, nunca aceitou, em tempo nenhum, que os pobres fossem tratados iguais a eles. Mesmo que a gente não tirasse nada deles, mesmo que a gente não tirasse um centavo dos benefícios que eles recebiam, eles não admitiam que o pobre tivesse as coisas com a mesma qualidade, nunca admitiram, porque para eles pobre tinha que continuar pobre, sem oportunidades, sem chances de se transformar em grandes personalidades deste País. Na cabeça deles, o lugar de destaque no cenário político, no cenário acadêmico, nas grandes profissões e nos grandes empregos era apenas para uma pequena parcela da sociedade.

E eu, que não tenho orgulho disso, pelo contrário, eu tinha vontade de

ser um doutor mas, pelas circunstâncias, não pude ser, eu digo para vocês que aprendi desde muito cedo que não existe no mundo, não existe no Planeta nada que garanta mais a igualdade de oportunidades do que colocar lado a lado, no banco de uma escola, o filho da patroa e o filho da empregada doméstica, para saber quem é que sabe mais.

Aqui, meus companheiros, nós estamos quebrando alguns tabus e, muitas vezes, somos incompreendidos. Em 2004 eu tive, pela primeira vez, acesso a uma coisa chamada “Olimpíada da Matemática”. Naquele tempo não tinha quase escola pública participando, eram só escolas particulares. E participavam mais ou menos 270 mil crianças da Olimpíada da Matemática. O Fernando Haddad era secretário-executivo do Ministério da Educação, o Tarso Genro era o ministro da Educação, eu chamei os dois e perguntei: por que a gente não pode fazer Olimpíada da Matemática na escola pública? Eles disseram: “Vamos fazer”. Mas logo apareceram aqueles que não acreditam que o povo mais humilde tem condições ou tem vontade e começaram a dizer para nós: “Não vai dar certo, a escola pública não vai participar, as crianças não vão se interessar. A criança pobre vai na escola pública atrás da merenda escolar, não vai ter interesse”. “Vamos testar se vai ter interesse ou não”, e abrimos a primeira inscrição. Em 2005, inscreveram-se 11 milhões de crianças para a primeira Olimpíada de Matemática da escola pública deste País. Dez milhões participaram, das 11 milhões inscritas. Chegou 2006, “vamos repetir a dose”. Aí era época de eleição, a Justiça Eleitoral não deixou a gente colocar nem cartaz nas escolas convidando para as Olimpíadas, e as pessoas diziam: “Vai ser um fracasso, o MEC não podia fazer divulgação, as escolas não podiam fazer divulgação, então, se ninguém sabe, não vai ter inscrição”. Inscreveram-se 14 milhões de crianças, 3 milhões a mais do que no primeiro ano. Pois bem, chegou 2007, vamos abrir as inscrições. Chagas, sabe quantas crianças se inscreveram? Dezesete milhões e 300 mil crianças. Crianças, jovens, adolescentes e o que mais vocês quiserem.

Isso prova apenas uma coisa: esse povo, por mais humilde que seja, por mais pobre que seja, que more no lugar mais degradado deste País, só vira bandido, e uma menina só vira prostituta, porque o Estado, até agora, não ofereceu outro caminho para esses jovens seguirem, não estendeu a mão. Depois, fica muito mais caro cuidar de um jovem delinqüente, de uma menina

grávida precocemente do que cuidar dela na idade certa, dando a educação correta. É muito mais barato, é muito mais produtivo e é muito mais enriquecedor para o Estado brasileiro.

Entretanto, companheiros, lamentavelmente as coisas não são compreendidas assim. Eu me lembro de que quando nós lançamos o ProUni – que foi uma revolução criadora desse jovem ministro da Educação – para isentar as universidades particulares de uma certa quantidade de impostos e transformar a quantia que elas não iriam pagar de impostos em bolsa de estudos para jovens pobres da periferia da escola pública – não foram poucos os artigos que eu li, de pessoas que diziam: “O governo nivela o ensino por baixo, o governo rebaixa o nível do ensino, colocando o pobre na universidade”. Pois bem, meus companheiros, como mentira tem perna curta, passaram-se apenas dois anos para que o Ministério fizesse o teste para medir a qualidade dos estudantes brasileiros. Em 14 matérias, incluindo Medicina, Engenharia, Arquitetura, os melhores alunos foram os alunos do ProUni, alunos pobres que tiveram acesso à universidade brasileira.

Pois bem, é lamentável que a gente não tenha todas as escolas públicas brasileiras com a qualidade do Pedro II, mas também é verdade que o Pedro II, que foi criado no século XIX – este sino só badalava para o Imperador quando vinha aqui, e hoje badalou para um súdito do Imperador – é gratificante saber que o que a gente está fazendo aqui – embora a escola pública, no ensino fundamental, seja da responsabilidade dos estados – é importante saber, meu querido Governador, que a gente pode, em parceria, construir muitos Pedros II por este País para permitir que as crianças mais humildes tenham oportunidade de aprender numa escola que seja prazerosa, numa escola que dê a elas a chance de ser um doutor, de ser um presidente da República, e eu sou o melhor exemplo para vocês. Quando vocês estiverem desesperados – e isso vale para as meninas e para os meninos –, quando vocês estiverem passando necessidade e disserem “não vale a pena, eu vou desistir”, vocês têm que lembrar: este País conseguiu eleger um presidente da República que não tem diploma universitário, tem apenas um curso do Senai, este presidente perdeu quatro vezes, poderia ter desistido e voltado para casa com o rabo no meio das pernas, que era isso que o preconceito deste País exigia. Entretanto, eu fui à luta e virei presidente da República deste País. E, se valeu para mim,

vale para vocês porque vocês não são inferiores.

O que vocês não podem é desanimar, porque a vida humana é muito curta, mas é a coisa mais extraordinária que Deus nos deu. E nós precisamos fazer dela uma vida alegre a cada dia, jogar a tristeza pela janela, não é jogar embaixo do tapete, não, é pisar em cima dela todo dia, porque o jovem não tem o direito de estar triste. Quando a gente está na minha idade, com 61 anos, que a morte está chegando perto, a gente tem o direito de ficar triste, mas quando se é um adolescente, com a vida inteira pela frente... Obviamente que quem joga bola com 16 anos pode virar um grande craque, que é uma das chances que o pobre tem na vida, e a segunda chance é a formação de vocês.

Eu queria pedir às meninas e aos meninos do Pedro II: não joguem essa oportunidade fora. Se vocês estiverem em casa e o pai e a mãe de vocês estiverem brigando, digam: “Pelo amor de Deus, pai e mãe, parem de brigar que eu estou estudando no Pedro II e quero ser alguém na vida. Me ajudem a ser alguém na vida”. Na hora em que vocês estiverem desanimados, na hora em que vocês não acreditarem mais em nada, na hora em que vocês disserem “esse Lula não vale nada, esse governador não vale nada, esse ministro não vale nada”, na hora em que vocês estiverem escolhendo o político perfeito, pelo amor de Deus, não aceitem a tese daqueles que recusam a política, porque a desgraça de quem não gosta de política é de ser governado por quem gosta, e se quem gosta for a minoria, vocês sempre serão governados pela minoria.

E quando vocês estiverem angustiados, lendo o jornal: “Fulano não presta, sicrano não presta, beltrano não presta”, primeiro vejam se acreditam na notícia. Segundo, quando vocês estiverem procurando político honesto, olhem para dentro de vocês, conversem com a consciência de vocês, falem um pouquinho com o coração de vocês e, quem sabe, o político perfeito que vocês desejam está dentro da cabeça e da alma de cada um de vocês.

Boa sorte, muito obrigado e que Deus abençoe todos vocês.